

Carlo Maria Martini

VIVER OS VALORES DO EVANGELHO



 Paulinas

*A vida das comunidades cristãs,
segundo Atos dos Apóstolos*

*Cardial Martini se propõe a responder
à pergunta: os primeiros cristãos
teriam algo para dizer-nos a respeito
do nosso modo de viver o Evangelho?*

Este texto contém duas preleções feitas em 1973.

O argumento sobre o qual me pediram que discorresse em duas conferências é de tal maneira vasto, que poderia ser objeto de todo um curso. Por isso, selecionei alguns pontos que me vieram à mente, e que me ajudarão a expor com clareza meu pensamento, embora de forma, necessariamente, muito breve.

Quais são as primitivas comunidades cristãs das quais tanto se fala?

Será que elas também não tinham problemas?

Que aspecto tinham?

Portanto, que significado tem para nós a reflexão sobre as experiências que elas tiveram? De que modo elas podem ser para nós um modelo?

De que maneira elas evangelizavam?

Que relação havia entre a organização interna delas e a evangelização?

Eis as perguntas que eu proponho como tema, apresentando algumas linhas de resposta e de reflexão a partir da análise de *Atos dos Apóstolos*.

Quais são as comunidades primitivas sobre as quais tanto se fala?

Ao empregar o termo “comunidades primitivas”, quero referir-me às primeiras comunidades cristãs, ou seja, aquelas fundadas entre os anos 30 e 60/70 da nossa era, quer pelos próprios apóstolos, quer por pessoas que com eles tiveram contato direto. Portanto, comunidades cujos membros pertenceram à geração apostólica ou subapostólica.

Quais e quantas são elas? É possível fazer uma estatística bastante precisa através dos nomes que aparecem nos escritos do Novo Testamento, em particular em *Atos dos Apóstolos* e nas cartas paulinas, que em muitos casos repetem os dados contidos em *Atos*.

Em primeiríssimo lugar, devemos assinalar a comunidade de Jerusalém, a comunidade-mãe. Em seguida, podemos citar, na Palestina, as comunidades de: Lida, Jafa (a atual Tel Aviv), Cesaréia. Ainda nesta região, Tiro, Sidônia, Damasco, Antioquia. Caminhando no mapa rumo a Anatólia, temos Tarso e as comunidades mencionadas nos capítulos 13 e seguintes de *Atos*, a saber: Derbe, Lистра, Icônio, Antioquia de Pisídia, Filipos. São mencionadas depois algumas comunidades da Galácia, das quais não sabemos o nome, e em seguida Lídia e Trôade, Colossos e Éfesos. No *Apocalipse* são mencionadas as comunidades de Esmirna, Pérgamo, Filadélfia. Descendo em direção à Grécia, temos Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto. Nas viagens de São Paulo rumo à capital do

império Romano, são mencionadas de passagem, a oeste, Malta, Puteóli. Enfim, a própria Roma.

Acabamos de elencar cerca de trinta comunidades locais que, de uma forma ou de outra, equivalem às principais cidades da época, que possuíam uma vida comercial florescente porque situadas dentro dos roteiros normais para o Mediterrâneo.

É provável que as comunidades primitivas fossem muito mais numerosas. No quadro que acabamos de apresentar, partindo de Jerusalém, caminhamos no mapa em direção ao Oriente, e depois fizemos um arco em direção ao Ocidente, num giro que abarca mais da metade do Mediterrâneo.

Porém, é quase certo que, desde os mais remotos tempos, a evangelização também se tenha dado movida por um ímpeto de progressão em direção ao sul — Alexandria do Egito, Líbia, Tunísia — e em direção ao norte — Sicília e Espanha.

É certo que esta outra zona do Mediterrâneo, não mencionada no Novo Testamento, foi objeto de uma ação evangelizadora desde os primeiros tempos. Lucas deixou de mencioná-las porque elas não constavam do itinerário de Paulo. Mas sua obra contém claros indícios de que o mapa das comunidades era muito mais vasto do que o que está explicitamente mencionado.

Em *Atos* 18,24, por exemplo, ele nos fala de Apolo, um pregador da Igreja primitiva, judeu originário de Alexandria, que conhecia muito bem as Escrituras mas que, do Mistério de Cristo, tinha uma idéia apenas embrionária. É muito provável que Apolo fosse membro de alguma das comunidades da Palestina que não foram fundadas por Paulo. Catequizado na Alexandria, sua formação cultural deu-se graças a alguns discípulos que ali devem ter chegado, trazendo as primeiras notícias da pregação de Jesus.

Encontramos outro indício em *Atos* 12,17: Pedro está prestes a sair de Jerusalém, rumo “a um outro lugar”, não mencionado porque refúgio onde Pedro estava certo de poder encontrar segurança; talvez alguma das comunidades que não interessavam ao quadro lucano, da parte do Ocidente.

Outro indício ainda, embora discutível, está na *Primeira carta de São Pedro* (5,13), que termina com uma menção a Babilônia. É evidente que não se trata da antiga Babilônia, que neste tempo já estava destruída. É possível que o seu verdadeiro nome seja Roma. O que há de seguro é que ali havia um presídio militar com o mesmo nome, onde eram encarcerados também civis. Pode-se levantar a hipótese de que Pedro tenha se refugiado ali, transformando-a no ponto a partir do qual teria começado a levar a mensagem evangélica ao Ocidente.

De qualquer forma, é certo que o autor de *Atos* não mencionou o nome de muitas comunidades, tanto do Oriente como do Ocidente.

Outro exemplo desta omissão de Lucas está no fato de que ele não cita nenhuma comunidade judeu-cristã da Galiléia, que existiam desde os mais remotos tempos. Apesar de voluntárias reticências, ele escreveu que a Igreja estava em paz por toda a Judéia, Samaria e Galiléia (*At* 9,31).

Além disso, no Novo Testamento podemos ler nomes de regiões nas quais não há indicação de cidade, mas que certamente possuíam comunidades cristãs: por exemplo, a *Primeira carta de São Pedro* é dirigida a cristãos dispersos nas regiões do Ponto, da Galícia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia. Na *Segunda carta a Timóteo*, Paulo menciona a Dalmácia, onde se encontrava Tito. Tudo isto deixa entender que existiam muitas outras comunidades cujo nome nós não conhecemos.

Este é, pois, o quadro das primeiras comunidades cristãs que devemos ter presente no espírito, antes de começarmos a responder às perguntas levantadas acima.

O que é possível concluir a partir deste primeiro levantamento, restrito ao âmbito geográfico?

Ele torna evidente a enorme vitalidade do cristianismo primitivo que, em menos de quarenta anos, conseguiu penetrar e fincar raízes em toda a bacia do Mediterrâneo. Se compararmos esta primeira fase da história cristã com a sucessiva, veremos como foi rápida e improvisada a primeira difusão da mensagem do Evangelho: de uma comunidade nasciam de imediato e sucessivamente várias outras; de um pequeno grupo formavam-se outros. Era um movimento cheio de criatividade, de alegria e de entusiasmo. Uma Igreja verdadeiramente em estado de evangelização.

Podemos também tirar daí uma segunda conclusão: não é exato falar de “comunidade primitiva” no singular. É verdade que Lucas, nos primeiros cinco capítulos de *Atos*, concentra sua atenção na comunidade de Jerusalém, mas deixa bastante claro que o Cristianismo difundiu-se, desde o começo, em muitos outros lugares. Na apresentação lucana há uma certa simplificação dos dados fornecidos. Daí decorre o nosso hábito de falarmos da “primitiva comunidade cristã”, e idealizarmos a comunidade de Jerusalém como se ela fosse a “comunidade por excelência” descrita em *Atos*.

Por outro lado, na própria comunidade de Jerusalém deu-se bem cedo uma divisão lingüística: alguns falavam aramaico, outros hebraico, outros ainda grego, fato este confirmado pela descoberta de túmulos do primeiro século depois de Cristo, nas redondezas de Jerusalém, nos quais os nomes estão escritos nas três línguas acima citadas.

Por esta razão, também a concepção segundo a qual a cristologia teria nascido primeiro num ambiente judaico, para depois difundir-se pelo mundo grego, não se coaduna com a consideração de uma comunidade que, desde o início, lia a Bíblia quer fosse em hebraico, quer

fosse em grego, e era formada por pessoas de cultura tipicamente hebraica, ao lado de outras de cultura tipicamente grega.

Será que estas comunidades não tinham problemas?

Não há sombra de dúvidas de que elas também tinham seus problemas. Algumas vezes fazemos uma imagem um tanto idílica do cristianismo primitivo. Com frequência me chegam aos ouvidos frases como esta: "Tivéssemos nós o fervor dos primeiros cristãos... se a Igreja de hoje vivesse a fé que eles tinham, se vivesse a pobreza e a caridade das quais eles deram exemplo, então todos os nossos problemas já estariam resolvidos!" É inerente a expressões deste gênero a crença profunda de que a Igreja ter-se-ia verdadeiramente transformado, se nós tivéssemos aquela primeira caridade, aquela espontaneidade, aquele fervor que atribuímos às primitivas comunidades.

É nosso dever, porém, considerarmos com realismo tudo quanto se passou nessas comunidades primitivas. Apenas para dar uma idéia, limito-me a citar algumas frases de Paulo, com as quais o Apóstolo julga com rigor a situação que encontrou nas comunidades visitadas.

Na *Carta aos Filipenses*, ao falar de seus colaboradores na obra de evangelização, Paulo escreveu: "Porque todos os outros buscam os próprios interesses, e não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21). A frase exprime, a bem dizer, uma idéia pessimista desta atividade e de como ela se desenvolvia.

Ainda na *Carta aos Filipenses*, Paulo diz: "Uma coisa eu já disse muitas vezes, e agora repito com lágrimas: há muitos que são inimigos da cruz de Cristo" (3,18). São palavras que se referem até aos cristãos, e não apenas aos pagãos. É um juízo negativo sobre pessoas que se diziam cristãs, embora não seja fácil dizer se se tratava de um

certo tipo de neocristianismo, ou de um modo descontraído de viver a verdadeira fé.

Na *Segunda carta aos Coríntios* (12,20), ele afirma: "De fato, receio que, quando aí chegar, eu não os encontre do jeito que eu gostaria de encontrá-los, e que vocês, por conseguinte, me encontrem do jeito como não gostariam". Palavras que revelam uma tensão muito grave entre Paulo e a comunidade de Corinto. "Tenho receio de que — continua Paulo — entre vocês haja discórdia, inveja, animosidade, rivalidade, maledicências, falsas acusações, arrogância, desordens".

Um outro texto de Paulo está na *Carta aos Gálatas* (5,15): "Mas, se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, tomem cuidado! Vocês vão acabar destruindo-se mutuamente". Este trecho também nos dá a idéia das dificuldades enfrentadas por aqueles primeiros cristãos ao passarem pela experiência da vida em comum.

Costumamos dizer que hoje em dia é muito difícil alguém exercer autoridade dentro da Igreja, que é difícil assumir nela responsabilidades. Lendo as cartas paulinas, temos a impressão de que, naquele tempo, as dificuldades eram as mesmas. Talvez até fosse ainda mais difícil. Pelo fato de o apóstolo ter afirmado, por exemplo, que "o pensamento de todas as Igrejas o atormentava", podemos entrever situações não muito mais consoladoras do que as nossas.

Eram comunidades compostas por pessoas que padeciam de todas as debilidades e incertezas próprias à nossa natureza, passando pelos mesmos altibaixos, e períodos de incompreensão. Os *Atos dos Apóstolos* e as *Cartas* dão testemunho de desentendimentos ásperos entre pessoas que tinham o mesmo ideal apostólico, como, por exemplo, entre Paulo e Marcos, entre Paulo e Barnabé, entre Paulo e Pedro.

Eram comunidades ativas, mas tinham de caminhar suplantando dificuldades que podiam parecer, aos olhos

de seus próprios membros, imensas, quase inexplicáveis. Não quero me deter em demasia neste ponto, mas creio ser possível resumir o tema em três aspectos gerais:

a) problemas morais graves: escândalos, sobretudo entre as comunidades pagãs convertidas, que só muito lentamente iam entendendo o significado das exigências morais do Batismo e da nova vida em Cristo.

b) problemas pastorais complexos: tratava-se de criar modelos de liturgia e de oração, tendo por referência até mesmo as sinagogas judaicas, e saber adaptar estes modelos às mais diversas situações; era natural que, com a falta de anteriores experiências, surgissem oposições e dificuldades várias.

c) problemas doutrinários: era preciso fazer chegar a mensagem de Jesus a pessoas cuja cultura estava muito longe da doutrina cristã; analfabetas, adeptas de idéias filosóficas impregnadas de ateísmo, fechadas, pois, ao pensamento cristão; pessoas adeptas de um platonismo que considerava com muita desconfiança tudo quanto era exposto no desígnio da salvação.

Estes deviam ser os problemas mais graves enfrentados pelas comunidades primitivas.

Entretanto, apesar de todos os problemas, o Novo Testamento revela a existência de comunidades maravilhosamente ativas, cheias de entusiasmo e de calor apostólico, que agiam um tanto tumultuadamente, é verdade, mas com excedentes de generosidade, ora agitadas por paixões, por discórdias, mas logo em seguida recompostas na caridade. Nós nos damos conta, em suma, de que a obra de Deus na Igreja primitiva produziu — malgrado as fragilidades, os desentendimentos — comunidades empreendedoras, comunidades criativas que representaram, na área do Mediterrâneo, uma irradiação de caridade, de

coragem em meio às perseguições, de empenho no apostolado, que fizeram delas, sem dúvida alguma, um modelo a ser seguido pela Igreja em todos os tempos.

Que significado tem para nós a reflexão sobre a experiência destas comunidades primitivas?

De que forma a experiência dos primeiros cristãos deve ser considerada normativa para as comunidades de todos os tempos? As comunidades que conhecemos através das Escrituras, texto inspirado, devem ser vistas como um modelo que comporta normas obrigatórias para a Igreja, em qualquer época histórica? Em que sentido?

Antes de mais nada, o comportamento destas comunidades é descrito por livros inspirados, que constituem a norma da vida da Igreja. Portanto, tratando-se de livros normativos para a vida da Igreja, conclui-se que também o modo de viver das comunidades ali descritas é normativo.

Há, porém, um segundo argumento, de caráter histórico. Pelo fato de serem comunidades fundadas pelos apóstolos, ou por seus sucessores imediatos, homens que conheceram, portanto, a geração apostólica, elas estão muito próximas do tempo em que reinava o genuíno espírito de Jesus. Se houve na história comunidades que souberam o que Jesus queria e entenderam o que Jesus ensinou, estas foram as comunidades primitivas. Seu modo de agir é, pois, indubitavelmente, normativo para nós.

Daí se deduz que a Igreja somente reencontrará aquela força, aquela carga de irradiação missionária que em tantos lugares parece hoje ter desaparecido — ou estar em vias de desaparecer, especialmente no Ocidente —, quando ela reconstituir o modo de viver das primitivas comunidades.

Sem dúvida, para que se possa atingir este fim, apresentam-se muitos obstáculos. Uma primeira dificuldade já foi exposta quando falamos da difusão inicial do Cristianismo, toda ela feita de maneira multiforme.

O modelo da Igreja de Jerusalém — descrita no capítulo 2 de *Atos* —, modelo que temos em mente ao falarmos de aspectos normativos da comunidade, não é um modelo único. Conforme o próprio relato contido em *Atos*, a comunhão dos bens — elemento típico da Igreja de Jerusalém — não era praticada da mesma forma em Antioquia, em Éfeso, ou em Corinto.

É lícito, pois, que nos perguntemos: entre tantas formas, qual deve ser considerada normativa para a Igreja dos tempos que se sucederão? A primeira, a mais antiga, ou aquelas que já se desenvolveram mais? Devemos imitar Jerusalém, ou imitar Corinto, ou Éfeso, ou Antioquia?

Uma segunda dificuldade pode ser expressa da seguinte maneira: nem todas as formas de vida praticadas pelas primeiras comunidades são imitáveis nos dias presentes, em virtude da mudança das condições ambientais. Por exemplo: na primeira comunidade cristã, todos eram assíduos à oração do templo, de acordo com as horas e os hábitos vigentes desde os tempos de Davi. É óbvio que não devemos deduzir daí que, hoje em dia, temos a obrigação de rezar na sinagoga aos sábados, ou respeitar a mesma divisão de horas daquele tempo, em nossas igrejas.

Qual o critério, pois, para reconhecer os aspectos que se impõem como normativos, e os aspectos que foram condicionados por mudanças?

Há também um terceiro elemento que nos permite tocar a complexidade do problema: a obra do Divino Espírito Santo — pois as comunidades são obra dele, já que a comunidade é uma expressão autêntica da revelação, e, por conseqüência, fruto autêntico da obra de Deus — não se interrompeu no ano 62 d. C., ano em que se encerrou o

relato que *Atos* nos deixou Lucas terminou seu livro de maneira imprevista, quase truncando o discurso, parecendo querer dizer com isto que o Espírito Santo continua sua obra história adentro.

Que valor têm, pois, os primeiros 20, 30 anos da história da Igreja, em relação aos anos seguintes? Devemos dizer, por exemplo, que a comunidade de Éfeso, fundada antes do ano 62 d. C., é normativa para nós, enquanto não são normativas as comunidades de Pérgamo, de Filadélfia ou outras cidades limítrofes, comunidades fundadas em anos seguintes, e que, portanto, não estão citadas em *Atos*?

Qual é o critério para distinguir entre uma atitude normativa e uma outra atitude da qual nos podemos diversificar?

O problema não é simples. A partir de uma leitura de *Atos*, eu sugiro que se tome como critério de distinção a constância e continuidade. Não é um critério válido referir-se àquilo que as comunidades primitivas fizeram apenas em uma ou em algumas ocasiões.

São normativos, então, os modos de agir das primeiras comunidades que o Novo Testamento nos revela repetidas vezes, dentro de diversas situações e ambientes. Se em diversas situações, sob o ângulo sociológico, cultural, ambiental — e *Atos* nos apresenta muitas destas situações: passando de ambientes hebraicos a outros totalmente gregos ou romanos — estes elementos se repetirem, então eles terão valor. Estes serão os elementos considerados normativos para a vida das comunidades eclesiais de hoje.

Não se trata tanto de modelos que devem ser repetidos ao pé da letra, numa tentativa de reviver, de forma quase arqueológica, suas experiências, mas trata-se muito mais de conferir de modo permanente, à luz daqueles elementos, as modernas situações comunitárias, comparando-as com as situações vividas pelas primeiras comunidades.

Vejam agora alguns dos elementos de vida eclesíastica que nos são sugeridos pela leitura de *Atos*. Tentarei fazer a descrição concreta de algumas atitudes tomadas em situações específicas, sem pretender, contudo, dar uma definição precisa, a fim de que estes elementos se tornem para nós matéria de comparação e confronto.

a) Constante perseguição

A fim de apresentar os fatos numa ordem lógica, coloco em primeiro lugar a situação eclesíastica resultante da perseguição. Talvez a palavra não seja a melhor escolhida. De fato, não quero referir-me aqui, necessariamente, a uma situação de violência, de opressão, mas a uma situação de oposição, de estranheza, de diversidade em relação ao ambiente dominante. Podemos reconhecer esta situação em todas as cidades compreendidas no itinerário da pregação de Paulo. Nós a reconhecemos também nas cidades da Grécia.

É bem verdade que há exceções, porque em nenhum momento se fala em perseguição, quer seja em Antioquia, quer seja em Atenas. Mas sabemos, contudo, que a comunidade de Antioquia passou por grandes dificuldades devido às incompreensões provocadas pelo judaísmo e pelo neocristianismo. Atenas foi o lugar onde Paulo enfrentou a incompreensão radical de um certo tipo de ambiente, e passou por momentos de grande amargura e de muito abandono.

Já temos um significado primeiro do termo "perseguição" ao considerarmos o fato de que a Igreja não pode conformar-se de modo pleno ao ambiente que a circunda. A Igreja primitiva mostrou-se sempre "diferente" em relação à situação na qual devia agir. Em outras palavras, a Igreja não é do mundo, e a sua realidade histórica é de dissensão. Surgirá sempre o momento no qual a Igreja sentirá não ser mais identificável com o ambiente, pois, se o fosse, desapareceria enquanto realidade eclesial.

Mas a característica mais profunda de uma comunidade que sofre perseguição não consiste tanto no fato de "passar por dificuldades", senão no fato de que a Igreja cresce apesar das dificuldades. Mais do que isto. As dificuldades são enfrentadas com alegria.

Podemos então definir da seguinte maneira a primeira destas constantes, típicas das primeiras comunidades: elas têm a coragem de reconhecer lealmente a diversidade que há entre a Igreja e o ambiente no qual esta age. Aceitam a impossibilidade de uma fusão completa, mas aceitam esta realidade repletos de alegria; Elas transformam esta impossibilidade num ponto de partida para uma nova reflexão e para uma nova e corajosa pregação.

Desta forma, indiquei também um método de análise. Agora me limito a discorrer sobre os outros aspectos.

b) Uma comunidade em constante oração

É interessante folhear as páginas de *Atos* e ver como não há capítulo — entre os 28 que o livro contém — no qual não haja uma menção à "Igreja orante". Em todas estas comunidades, a oração ocupava um posto de honra.

c) Comunidade a serviço dos outros

Esta terceira constante sublinha a prontidão em colocar os próprios bens a serviço dos outros. Em *Atos* (2,44-45) esta atitude está simbolizada pela expressão "colocavam em comum todas as coisas". Em outros trechos, esta atitude se traduz como ajuda àqueles que passam fome (ver a coleta da Igreja de Jerusalém, o mútuo auxílio entre os irmãos, a assistência prestada aos pobres e enfermos).

Muitos modos; uma só atitude. É sempre a prontidão em colocar-se à disposição dos outros, com aquilo que se é e com aquilo que se tem. É uma disponibilidade total para o serviço, seja dentro como também fora da comunidade, na distribuição de bens materiais ou espirituais.

d) A pregação de Cristo ressuscitado

A quarta constante é a pregação, que tem por tema central o "Cristo morto e ressuscitado".

Nós voltaremos ao tema mais adiante, quando analisarmos os métodos de evangelização das comunidades primitivas.

e) A iniciação sacramental

A evangelização e o apelo ao batismo são dois elementos que sempre se corresponderam, pois estão na origem do sopro de vida que move as comunidades e que fazem com que elas sejam reconhecíveis.

f) Continuidade histórica dentro do ministério apostólico

Uma outra constante é a relação com o Senhor ressuscitado através do ministério de Pedro e dos apóstolos. Este aspecto é muito realçado em Jerusalém, e se repete nas várias comunidades.

O cristianismo primitivo estava perfeitamente consciente de que o Espírito pode soprar onde quiser, e se isto acontecer, qualquer que seja o lugar, as pedras podem tornar-se outros tantos "filhos de Abraão". Portanto, não havia uma necessária continuidade histórica com o passado. Mas, de fato, as comunidades cristãs fizeram questão de manter a continuidade histórica com o Senhor ressurrecto que enviou os doze em missão, e, portanto, através dos apóstolos e daqueles sobre os quais eles impuseram as mãos.

g) A nova interpretação das Escrituras antigas

Última constante: são comunidades que se reúnem em torno da Palavra e buscam incessantemente fazer a interpretação do Antigo Testamento à luz do evento de Cristo ressuscitado.

Esta última constante tem dois valores:

— a importância que todas as comunidades primitivas sempre deram à leitura da Bíblia, à audição da Palavra. Elas se formaram mediante a leitura freqüente e cíclica do livro sacro, de acordo com a tradição da sinagoga;

— a interpretação do Antigo Testamento a partir da novidade de vida que nos foi transmitida por Cristo ressuscitado. Hoje em dia este aspecto é de fundamental importância, porque podemos notar tentativas de referir-se ao Antigo Testamento sem a mediação neotestamentária. Tomam-se frases e indicações vetero-testamentárias, mas não as fazem passar pela novidade de vida que nos foi transmitida pela ressurreição de Cristo. É mister colocar no centro de nossas expectativas o mistério da morte e ressurreição do Senhor, com todas as implicações que este evento comporta, do ponto de vista do antigo Pacto.

De que maneira as comunidades primitivas evangelizavam?

A razão da pergunta não é apenas uma curiosidade histórica, mas deve-se ao fato de que ela tem múltiplas ressonâncias sobre o nosso modo de conceber a evangelização.

Será que o ato de evangelizar pode ser expresso, pode ser explicado, também através de termos mais próximos de categorias culturais modernas, por exemplo, com palavras tais como "libertação, humanização, revolução"? Estes termos serão apenas sinônimos de termos equivalentes usados naquele tempo e, portanto, aplicáveis sem qualquer problema a uma tradução que possui uma ressonância mais imediata? Quanto ao conteúdo da evangelização: como impedir que tais traduções interfiram no conteúdo da mensagem, talvez a ponto de torná-la irreconhecível? Todas estas perguntas dizem respeito a problemas impossíveis de serem abordados nos limites do presente estudo. Entretanto, para responder a todas elas, há um pressuposto que podemos bem analisar: é uma preliminar tomada de consciência do significado que a palavra "evangelização" tinha para as comunidades primitivas.

O material de estudo contido no Novo Testamento é vastíssimo. Nós nos limitaremos aqui a uma visão panorâmica de *Atos*, selecionando do conjunto três elementos que se referem diretamente à evangelização: fórmulas

que descrevem a evangelização; episódios de evangelização; os evangelizadores.

Nossa atenção concentrar-se-á, sobretudo, nas fórmulas e nos exemplos concretos.

As fórmulas

Podemos encontrar inúmeras fórmulas com as quais *Atos* descreve o conteúdo da atividade desenvolvida pelas comunidades primitivas. Lançando mão de um termo moderno, costumamos chamar esta atividade de evangelização. (É preciso notar que, até fins do século passado, o termo era desconhecido.)

As fórmulas são de dois tipos: simples e breves, que condensam em uma ou duas palavras o seu conteúdo; complexas.

Entre as fórmulas mais simples, temos: *Atos* 4,31: "anunciavam a palavra de Deus"; *Atos* 5,20: "Vão ao Templo e lá continuam a anunciar ao povo toda a mensagem da vida".

Entre as fórmulas mais complexas, temos: *Atos* 5,42: "E cada dia, no Templo e pelas casas, não paravam de ensinar e anunciar a Boa Notícia de Jesus Messias"; *Atos* 11,20: "chegaram a Antioquia e começaram a pregar também para os gregos, anunciando-lhes a Boa Notícia do Senhor Jesus".

Ou ainda: *Atos* 9,20: "E logo começou a pregar nas sinagogas, afirmando que Jesus é o Filho de Deus"; *Atos* 20,21: "Com insistência, convidei judeus e gregos a se arrependem diante de Deus e a acreditarem em Jesus nosso Senhor"; *Atos* 20,24: "Mas, de modo nenhum considero minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que eu leve a bom termo a minha carreira e o serviço que recebi do Senhor Jesus, ou seja, testemunhar o Evangelho da graça de Deus".

Estes são alguns exemplos que demonstram como havia uma notável variedade de fórmulas utilizadas na Igreja primitiva para designar a atividade evangelizadora. Uma variedade tal que nos permite entender a multiplicidade de ações desenvolvidas pelas comunidades. Cada fórmula espelha uma experiência concreta de vida.

Estas fórmulas possuem elementos obrigatórios de convergência, e os capítulos 2-5.10.13.14.17 de *Atos* oferecem exemplos da mais antiga pregação. Comparando-os com as brevíssimas sínteses de alguns versículos, podemos verificar que o ponto central de todas elas é o "Cristo ressuscitado":

— *Atos 17,3*: Paulo "explicava e demonstrava para eles que o Messias devia morrer e ressuscitar dos mortos. E acrescentava: 'O Messias é este Jesus que eu anuncio a vocês'";

— *Atos 26,22-23*: "Mas, com a proteção de Deus, eu continuo até hoje dando testemunho diante de pequenos e grandes. Não prego nada mais do que os Profetas e Moisés disseram que havia de acontecer, isto é, que o Messias devia sofrer e que, ressuscitado por primeiro dentre os mortos, ele devia anunciar a luz ao povo e aos pagãos".

Além destas pequenas sínteses, temos os grandes discursos, já muito conhecidos.

Tentarei reunir, à maneira de quem compõe um mosaico, tudo aquilo que nestes discursos diz respeito a um mesmo argumento, para obter assim o quadro geral da pregação primitiva. Escolherei, portanto, algumas frases que mais se repetem (entre os capítulos 2.3.4.5.10), e deixarei de lado as menos usuais. O discurso que daí resulta é o seguinte:

Deus consagrou Jesus de Nazaré no Espírito Santo. Por todas as partes onde ele andava só fazia o bem, libertando todos aqueles que estavam dominados pelo demônio, porque Deus estava com ele. Jesus, homem do qual Deus deu testemunho

diante de vocês por meio dos milagres, por meio dos prodígios e dos sinais operados por Deus através dele, entre vocês...

Podemos notar nesta fórmula uma primeira insistência: a presença de Jesus entre nós, como homem que fez o bem, e o bem para todos, sem distinção.

Uma segunda insistência: a traição e a morte.

Este homem foi traído. Vocês, gente sem lei, o crucificaram e mataram; vocês o levaram e renegaram diante de Pilatos, e com isto renegaram o Santo e o Justo. Vocês mataram o autor da vida, crucificando-o. Os habitantes de Jerusalém o desconhecera quando contra ele foi pronunciada a condenação. Mas desta forma Deus realizou tudo aquilo que estava anunciado pelos profetas: que o seu Cristo devia sofrer e morrer.

Uma terceira insistência: a ressurreição e a efusão do Espírito.

Este homem foi ressuscitado por Deus, que o libertou da dor da morte. Estas coisas haviam sido previstas por Davi. Este é o Jesus que Deus ressuscitou dos mortos: todos nós damos testemunho deste fato. O Deus de nossos pais quis que isto não se manifestasse a todo o povo, mas somente às testemunhas que Ele havia escolhido de antemão: isto é, nós que comemos e bebemos com ele depois que ele ressuscitou dos mortos.

Este Jesus, depois de obter do Pai o dom prometido pelo Espírito, efundi-o sobre todos. Nós somos testemunhas, com o Espírito que Deus deu àqueles que lhe obedecem: este Jesus foi constituído por Deus juiz dos vivos e dos mortos.

Cada um de vocês faça-se batizar em nome de Jesus, para com isto obter o perdão dos pecados. Vocês receberão assim o dom do Espírito, vocês e os seus filhos.

Uma quarta insistência: Espírito Santo, fé, conversão e remissão dos pecados, como elementos estreitamente ligados entre si.

Façam, pois, penitência e convertam-se para que os pecados de vocês sejam perdoados. Jesus foi elevado por Deus para

que todos os pecados de todas as pessoas, fossem redimidos. Em nenhum outro vocês encontrarão a salvação. Somente no seu nome podemos ser salvos. Deus o exaltou como salvador, para conceder a Israel a conversão e a remissão dos pecados.

Aí estão as convergências típicas entre os discursos contidos nos capítulos 2.3.4.5.10, numa só visão de conjunto. Quais são os elementos que podemos auferir daí? Antes de tudo, a atualidade: o discurso proclama tudo aquilo que Deus fez para transformar a situação do mundo, no hoje em que a pregação é ouvida. Em segundo lugar, a referência central, contínua, única e essencial à pessoa de Jesus. Enfim, a consequência, ou seja, a conversão na fé.

A evangelização primitiva, no seu conteúdo, pode ser descrita da seguinte maneira: a proclamação da obra que Deus realizou em Jesus Cristo, obra oferecida a todos aqueles que ouvem e se abrem à pessoa de Jesus; o perdão dos pecados, o dom do Espírito Santo concedido para que todos possam abrir-se à vida da fé na plenitude da existência cristã.

De uma forma ainda mais sintética podemos dizer: tornar Jesus presente, bem como a sua salvação no Espírito, através de uma existência cristã.

Exemplos concretos

Qual o método utilizado pelas comunidades primitivas para anunciar a Palavra de Deus?

Foi o método da relação pessoal e comunitária. A palavra anunciada é a palavra de Cristo, é a própria pessoa de Cristo, mas sempre num contexto dentro do qual há uma relação com a pessoa que escuta. E os tipos de relação com os ouvintes podem reduzir-se a três grandes categorias, além de uma quarta, que é uma especificação da terceira: o sinal, o Espírito, a Escritura; e, ligada à leitura das Escrituras, a experiência religiosa.

Consideremos brevemente estas categorias;

O sinal. Com frequência, a relação com o ouvinte do discurso se faz através de um sinal imediato: um milagre, por exemplo. No quarto capítulo de *Atos*, o milagre da cura do paralítico é utilizado por Pedro, no Sinédrio, como sinal objetivo da novidade do discurso que ele está para anunciar. É o ponto de partida atual.

O Espírito. É o caso do versículo 33, capítulo 2, de *Atos*: "Ele foi exaltado à direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito prometido e o derramou: é o que vocês estão vendo e ouvindo". O Espírito enceta uma relação imediata com o ouvinte. É o Espírito mandado por Jesus ressuscitado: eles o vêem e o ouvem. O Espírito provoca o evento, a situação pela qual a mensagem se torna compreensível.

A Escritura. Noutros casos, sublinha-se a atualização das Escrituras, particularmente para quem admite o Antigo Testamento como expressão dos desígnios de Deus. A leitura das Escrituras, feita neste momento, mostra como a situação que o texto bíblico torna presente é a da atividade de Deus em Jesus. Esta atividade é anunciada "hoje", e a Escritura se torna o contexto da "imediatez" do anúncio.

Eu disse que a Escritura tem valor para aqueles que a aceitam, ou pelo menos para os que estão dispostos a reconhecer nela um elemento de salvação. Entretanto, há situações nas quais a Escritura não é mencionada, porque o povo não pode entender este sinal. Nestes casos, o ponto de partida é uma experiência religiosa comum.

A experiência religiosa, especificação da Escritura. O conteúdo do discurso de Atenas diz, sinteticamente: Vocês têm uma tradição religiosa; vocês chegaram a uma certa compreensão do mundo como sendo movido por um desígnio divino, e uma compreensão da divindade

como algo de superior a tudo aquilo que se pode ver e tocar. Esta compreensão religiosa da qual vivem é aquela que eu anuncio a vocês agora, na sua plenitude. É, portanto, um contato com uma determinada situação posta em evidência, mas que estava, antes, inconsciente nos ouvintes, e que se torna o gancho, o ponto de apoio para difundir a mensagem.

O mais interessante não são tanto os exemplos individualizados da presença de um sinal, do Espírito, da Escritura ou da experiência religiosa, mas o fato de que sempre se faz apelo a um contexto comunitário, de vida cristã bem vivida: as obras do Espírito se manifestam numa comunidade que tem vida.

É muito difícil falar de evangelização apenas como um anúncio transmitido pela palavra, e esquecer a referência à comunidade viva. Paulo não deixa de mencionar pessoas exemplares, num contexto testemunhal, e capaz de transmitir o anúncio: "Nossa carta de recomendação são vocês mesmos, carta escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. De fato, é evidente que vocês são uma carta de Cristo, do qual nós fomos o instrumento; carta escrita, não com tinta, mas nas tábuas de carne do coração de vocês" (2Cor 3,2-3).

Este empenho pela atualidade está sempre presente no método de evangelização que *Atos* nos apresentam, mas é uma atualidade de caráter religioso; obra de Deus no sinal, obra do Espírito, Escritura.

Neste contexto, o centro do anúncio, o objeto privilegiado do anúncio, é a pessoa de Cristo.

Portanto, toda proposta ou definição de evangelização deve ser confrontada, conferida, mesmo em nossos dias, com esta realidade: Cristo. São insuficientes todos os conteúdos de evangelização que se referem apenas à transformação, feita ou a fazer, de uma situação humana, sem uma referência substancial ao autor desta transfor-

mação — Cristo — e ao caráter transcendente dela — obra de Deus —. Pregar unicamente a renovação de uma situação humana pode ser uma ótima e verdadeira pregação de caráter filosófico e social, mas não é evangelização. Isto porque não se trata apenas de um fenômeno de causas e efeitos. Só haverá transformação quando houver conversão, fé, aceitação evangélica da pobreza, da humildade e da paz, que são dons transformantes em razão do poder do Espírito Santo.

As comunidades primitivas e a evangelização

Costumo indicar com o termo "*koinonía*" a plenitude da solidariedade no interior das comunidades, a sua maturação e o seu desabrochar, de acordo com as constantes que recordamos acima. A *koinonía*, por sua vez, tomada como ponto de referência dos trechos neotestamentários que tratam das comunidades, aparece como um elemento composto de duas atitudes: a *pietas* e a *benevolentia*.

A *pietas* é o sentimento de confiança, de afeto, que vive na alma daqueles que pertencem a uma mesma comunidade. Sobre esta piedade se fundamenta a compaixão familiar, como também a eclesial. É uma lógica que nasce do Espírito, é a capacidade de confiar mesmo nos momentos difíceis, é o sentir-se atraídos uns pelos outros. A *benevolentia* diz respeito àqueles que ainda não pertencem a uma família, a uma comunidade, à unidade de Deus e dos profetas. Ela é a alegria de tornar os outros felizes, e de ir ao encontro deles com o anúncio da salvação.

Destas duas atitudes nasce a firmeza da comunhão eclesial, a sua solidez.

Os frutos concretos da *koinonía* (feita de *pietas* e de *benevolentia*), que une o corpo da comunidade de maneira alegre e criativa, nós podemos encontrar na enumeração

feita por Paulo na *Carta aos Gálatas*. O Apóstolo fala primeiro em um único "fruto do Espírito", mas depois ele especifica, qualificando diversas virtudes: *agápe* (*caritas, caridade*), *chará* (*gaudium, alegria*), *eiréne* (*pax, paz*), *makrothumía* (*patientia, paciência*), *chrestótes* (*benignitas et bonitas, bondade e benignidade*), *agathosúne* (*longanimitas, longevidade*), *pístis* (*fides, fé*), *praútes* (*mansuetudo, mansidão*), *enkratéia* (*castitas, castidade*) (5,22).

Nove qualidades, de nenhuma forma redundantes, que sublinham a importância de determinadas atitudes, e excluem outras. Procedendo segundo a linguagem bíblica nós podemos distinguir nelas: atitudes que nascem do coração, do interior do ser humano: atitudes que partem dos lábios, isto é, verbais; e atitudes que envolvem ação, movimento, ou seja, as obras.

São interiores: o *agápe* (cordialidade, simpatia, coração aberto); a *chará* (serenidade de alma, capacidade de comunicar alegria, de consolar); a *eiréne* (paz, capacidade para levar a paz e fazê-la vencer); a *makrothumía* (capacidade de suportar situações difíceis, esperas infundas, sem descanso).

Dois atitudes (*chrestótes e praútes*) dizem respeito à comunicação verbal: acolhida, gentileza ao falar, dignidade, confiança nos meios pacíficos de persuasão e não-violência, exclusão de toda e qualquer vontade de prejudicar, certeza de que, com a compreensão recíproca e a palavra persuasiva e cortês, muito mais será obtido do que com a oposição.

Agathosúne e pístis dizem respeito às obras, ao comportamento: a bondade, o desejo de dar e de fazer o bem em torno de si, a generosidade, a alegria no ato de doar (é preciso fazer notar que *pístis* não é, neste caso, a fé teológica, mas o sentimento de fidelidade; mais precisamente, é a capacidade de dar apoio aos outros, de infundir-lhes confiança).

Estará madura a comunidade que for capaz de produzir, no conjunto de seus membros, todos estes frutos do Espírito.

Devemos recordar que, no elenco de Paulo, não estão mencionadas nem a pobreza, nem a justiça. Mas como?, vocês me perguntarão. Não é fácil responder a esta pergunta, mas arrisco uma reflexão.

Talvez a pobreza não esteja presente porque não é fruto do Espírito, mas uma atitude adquirida, uma condição para a partida, e não um bem a que chegar.

A justiça, do mesmo modo, é um pressuposto. Ela é a base da retidão moral de todo ser humano. Enquanto, com base apenas na justiça, podemos discutir sobre o "meu" e o "seu", na generosidade cristã há uma plenitude de doação pelo outro que chega até o perdão. Analisando o mandamento "não roubar" à luz do Novo Testamento, podemos compreender que a lei é incapaz de justificar. Enquanto o dom do Espírito, que transforma a pessoa no seu interior, é capaz de torná-la justa. O problema da justiça é analisado então numa perspectiva de abertura generosa, de vontade para doar.

Depois de haver descrito os aspectos que me parecem caracterizar a compaixão interior, a solidariedade que reinava nas primitivas comunidades cristãs, creio ser meu dever analisar, embora com brevidade, a relação existente entre *koinonía* e evangelização.

A evangelização é um tornar presente o Cristo resuscitado através da proclamação da Palavra e, ao mesmo tempo, através de um contexto de sinais do Espírito. Ela não se reduz ao mero enunciado do fato, mas tende para tornar presente o Cristo num contexto perceptível. Os sinais do Espírito são os elementos estáveis da vida comunitária, que pode ser definida como um povo na plenitude da comunhão com Deus.

A relação entre comunhão e evangelização é, pois, evidente: a comunidade cristã torna presente o Cristo ressurrecto porque dele mostra os sinais ao agir, através dos frutos do Espírito. A evangelização é palavra em ação.

Podemos perguntar-nos, neste ponto do estudo, se há proporção entre o crescimento comunitário e a evangelização. As respostas são contrastantes.

Para alguns, não pode existir proporção. Os cristãos, como tais, têm o dever de anunciar, mesmo não levando em conta as condições atuais da comunidade. Poderíamos dizer que a palavra de ordem é: anunciar, e anunciar já.

Outros, pelo contrário, afirmam que, se a comunidade não atingiu a maturidade cristã, o anúncio não será convincente. Antes de anunciar é preciso, pois, promover o aprofundamento interior dos membros da comunidade.

Não queremos decidir aqui a questão de forma absoluta, optando por este ou por aquele modelo. Entretanto, faço observar que, em *Atos*, temos diversos exemplos a favor de uma relação estreita entre comunidades maduras e evangelização. Basta citar as três tentativas de pregação paulina: quando Paulo pregou em Damasco, apenas convertido (At 9,22); pouco tempo depois, em Jerusalém (At 9,28); e, enfim, sua missão em Antioquia (At 13,16 e ss.).

Qual destas três pregações, por excelência, é a grande pregação de Paulo? A terceira, porque em Antioquia ele encontrou uma comunidade rica em espírito de oração e de carismas. De lá partiu, com todo o vigor, a grande obra paulina. As duas tentativas anteriores tinham produzido poucos resultados de caráter externo.

Isto confirma a tese de que existe uma relação entre o grau de maturidade vivido por uma comunidade cristã e a sua incidência evangelizadora.

Quero terminar este capítulo sublinhando o fato de que o anúncio evangélico se radica, de ordinário, numa certa plenitude de fé e de caridade. Em caso contrário, o anúncio não seria falso, mas embrionário e pouco convincente. O anúncio, é bem verdade, pode obter êxito em qualquer parte, se for sustentado por Deus. Entretanto, pelas vias normais da graça, há uma relação entre o anúncio e a força espiritual da comunidade. É, pois, de grande importância discernir para a Igreja qual é o tempo da espera, e qual é o tempo do ímpeto missionário.